16

Discurso na cerimônia de ativação do Primeiro Complexo Operacional Sipam/Sivam

MANAUS, AM, 25 DE JULHO DE 2002

Senhor Vice-Presidente da República, Doutor Marco Maciel; Senhor Governador Amazonino Mendes; Senhor Presidente do Senado, Ramez Tebet; Senhores Ministros de Estados, nominalmente o Senhor Ministro da Defesa, Geraldo Quintão; Senhores Comandantes das Três Forças, que nos dão a honra da companhia e da presença; Senhores Parlamentares; Senhores Oficiais-Generais; Senhores ex-Ministros da Aeronáutica, que nos dão a satisfação da presença; Senhores Embaixadores; Senhora Embaixadora; Senhores Empresários; Senhores Oficiais; Senhores Funcionários, Funcionárias; Senhoras e Senhores,

Amazônia é um nome que sempre sugeriu grandiosidade, e também um certo mistério. Tudo aqui, nesta região, Governador, é superlativo. A admiração pela beleza natural, pela riqueza da biodiversidade, pela maravilha que são o rio Amazonas, a floresta e todo um mundo que se organiza em torno deles.

E, tudo isso, produz, em nós, uma sensação dupla de admiração mas, também, de humildade. Humildade, diante da imensidão dessas paisa-

gens, o que nos faz lembrar que o homem é muito pequeno frente à grandeza de uma Natureza que desafia o conhecimento.

Como já foi dito, e nós todos sabemos, desde pequenos, a "Amazônia legal" – desde pequenos não, pelo menos enquanto eu era pequeno não havia tanto esse conceito – representa mais de 5 milhões de quilômetros quadrados. Isso corresponde a mais de 60% do território nacional. É um espaço que engloba um terço das florestas tropicais do planeta e cerca de 30% da biodiversidade da Terra. É, também, como sabemos, com orgulho, a maior bacia de água doce do mundo.

Nossos vizinhos latino-americanos – e daqui a pouco o Vice-Presidente e eu, o Presidente do Senado e outros companheiros, estaremos num desses vizinhos, um pouco mais longínquo, o Equador – costumam dizer que temos tendência aqui, no Brasil, a qualificar tudo como "o maior do mundo". Mas, quando se fala da Amazônia, não há escapatória, porque aqui as proporções são, realmente, únicas.

E tudo isso resulta, para nós, em uma pesada responsabilidade: como desenvolver, de forma sustentável, de forma ambientalmente responsável, esse imenso território com que fomos abençoados?

Desenvolvê-lo não apenas para nós, mas também para as gerações futuras. E desenvolvimento se faz com trabalho, com investimento e com conhecimento. Conhecimento que, no caso da Amazônia, requer um esforço especial, e que ganha um impulso extraordinário, hoje, com a inauguração do Sistema de Vigilância e Proteção da Amazônia, o Sivam e o Sipam.

Agora é o momento da culminação de um longo trabalho, realizado por diversos órgãos de Governo, em estreita coordenação, e que marca um divisor de águas na história desta região.

Não precisaria nem repetir, mas o Sivam/Sipam é um projeto que sofreu críticas, incompreensões, mas que se confirmou como uma iniciativa que era inadiável, imprescindível mesmo, para darmos direção ao desenvolvimento futuro da Região Amazônica.

Há muita gente que fala sobre a importância da nossa soberania. É importante que se fale. Mas importante, mesmo, é exercer efetivamente a soberania. É o que estamos fazendo aqui, hoje. Estamos pondo em

funcionamento um sistema que nos dará condições para um controle mais efetivo sobre o território e sobre o espaço aéreo de toda a Região Amazônica. Também controle sobre seus recursos naturais, controle sobre essa vasta região geoeconômica. É uma afirmação, também, de competência tecnológica do Brasil.

Todos sabemos que as partes fundamentais do Sivam/Sipam foram importadas. Mas a concepção geral e a integração das partes são de brasileiros e respondem às necessidades e características únicas da Amazônia.

Ainda há pouco, quando víamos as dependências e as várias células que compõem esse projeto, o Comandante do Sivam/Sipam estava nos informando que o código-fonte, que permite um desenvolvimento tecnológico, a compreensão e a integração das várias informações recebidas, está sendo refeito, com o auxílio das Forças Armadas, com o auxílio da universidade, no caso, da PUC do Rio de Janeiro e com o auxílio de empresas. Enfim, com o auxílio de muitos brasileiros que se estão apossando, apoderando do conhecimento tecnológico.

É dessa maneira que se avança. E se fez isso porque foi possível haver a abertura desses códigos para nós, graças à participação da Raytheon no projeto. Quando se fez o lançamento do projeto se incluía a necessidade que houvesse esse tipo de transferência tecnológica.

Portanto, esse desenvolvimento que aqui se faz – e eu dizia há pouco, ao ver uma dessas salas – é o desenvolvimento de uma verdadeira universidade através da continuada apreensão de conhecimento e da reelaboração e, quem sabe, amanhã, da proposta de novas formas de desenvolvimento tecnológico a partir daqui.

Os especialistas, tanto os militares e civis, puseram esse projeto de pé, com seriedade e com muita dedicação e merecem o nosso aplauso.

Ainda ontem, em Anápolis, tive a satisfação de presidir a cerimônia de entrega das primeiras aeronaves que serão utilizadas para o controle do espaço aéreo e para o monitoramento ambiental.

O Sivam/Sipam permitirá que o processo de ocupação e desenvolvimento da Amazônia se faça da forma mais racional. Permitirá enfrentar problemas que não são novos, mas que são graves e precisam ser equa-

cionados para que a Amazônia possa crescer e dar a seus habitantes melhores condições de vida. Problemas como o do manuseio inadequado dos espaços e do solo, que são problemas antigos e que poderão ser revistos agora. Também a exploração predatória de recursos naturais e – para falar no mais importante – a insuficiente qualidade de vida das populações.

Com o esforço conjunto dos Governos, dos municípios, do Governo Federal, das populações e com o conhecimento técnico disponível, podemos proporcionar – a partir das informações colhidas aqui e de sua utilização apropriada pelos órgãos governamentais –, espero eu, melhor qualidade de vida à população amazônica. Também, já foi dito aqui, a ocorrência de atividades ilícitas, inclusive as transfronteiriças, encontrará, a partir desse projeto, uma possibilidade da nossa parte e um contra-ataque mais eficaz.

A escassez da presença do poder público em algumas áreas mais isoladas será suprida pelas informações, como nós pudemos ver há pouco, que virão dos sensores, virão dos aviões que transmitem os sinais, virão dos radares. Isso tudo permitirá que a presença do Estado marque a nossa soberania de uma forma concreta nesta região.

Da mesma maneira, a precariedade no controle do tráfego aéreo cessa, a partir dessa integração.

Tudo isso está mudando de agora por diante. Está mudando porque nós estamos fortalecendo a presença do Estado brasileiro nesta região.

Esse Estado está utilizando as tecnologias mais avançadas para desenvolver, de forma sustentável, uma das últimas regiões de natureza virgem do planeta. Estamos colocando o mais avançado que existe, em termos de desenvolvimento tecnológico, a serviço do desenvolvimento sustentável. O que não quer dizer a intocabilidade da floresta, mas quer dizer sua preservação, quer dizer uma conciliação entre cultura e natureza, quer dizer a possibilidade de o homem viver nessa região, tirar proveito das riquezas que nela existem e, ao mesmo tempo, pensar na preservação com o olho no futuro, numa preservação que permita, também, a continuidade da nossa presença brasileira nesse espaço territorial.

Estou convencido de que esse sistema que estamos hoje inaugurando será um grande êxito para o Brasil. Um êxito que poderá estender-se para os países vizinhos, como já disse o Ministro da Defesa, se eles assim o desejarem, porque as questões do desenvolvimento da Amazônia exigem uma perspectiva de integração.

Dias atrás, recebi, em Brasília, o Presidente eleito da Colômbia, Dr. Álvaro Uribe, e este foi justamente um dos assuntos de que tratamos.

Tendo em vista o alcance regional do Sivam, vamos trabalhar para que seus serviços também possam ser utilizados pela Colômbia, para o controle da aviação na região da fronteira, de modo a aumentar a eficácia dos programas de combate ao narcotráfico. É essa a disposição demonstrada pelo Presidente e é essa a disposição que demonstramos algum tempo atrás e reiteramos hoje, não só no que diz respeito à Colômbia, mas no que diz respeito a todos os países vizinhos que desejem participar dessa nova possibilidade de ampliação do controle sobre o espaço aéreo e de informações sobre a região.

Creio que essa será uma forma inovadora de colaboração na América do Sul.

Estamos aqui, graças ao poder da tecnologia, dando impulso ao nosso compromisso de brasileiros, de fazer desta região um espaço integrado de paz, democracia e, quanto possível, prosperidade.

Em breve, vamos assistir também à operação de dois outros complexos semelhantes a este, um de Porto Velho e outro de Belém. De modo que podemos afirmar, sem demagogia, com tranqüilidade e com firmeza, que podemos antever um grande futuro para a Região Amazônica.

De São Gabriel da Cachoeira a São Félix do Xingu; de Cruzeiro do Sul, no Acre, a Belém, no Pará, vejo o futuro de uma região que realizará, em níveis sem precedentes, a harmonização entre as necessidades do desenvolvimento e as demandas de equilíbrio dos grandes ecossistemas.

Vejo a exploração racional de florestas e recursos biológicos em benefício de todos, mas, muito particularmente, das próprias populações amazônicas, inclusive as indígenas, que merecem atenção especial. Vejo a conquista de resultados definitivos na garantia da segurança dos cidadãos e na prevenção de atividades criminosas.

Vamos mostrar ao mundo que a preservação da natureza não implica abrir espaços para o crime e a ilegalidade – antes o contrário.

Vejo, sobretudo, o futuro de uma Amazônia que será partícipe plena no grande impulso de desenvolvimento que o Brasil está apenas iniciando e que transformará a face de nosso país neste novo século. E convém reafirmar essa crença, sobretudo em momentos de turbulência. Turbulência no mundo, dificuldades no mundo, que se refletem aqui, além das que nós, próprios, agregamos. As dificuldades que já existem no mundo – dificuldades são o cotidiano da vida dos povos, dificuldades são os obstáculos aos quais os líderes devem estar acostumados já, para superá-los – não devem ser elementos de desânimo, senão que devam ser elementos de motivação para que possamos superá-los. Acho que o início do trabalho aqui do Sivam/Sipam, neste exato momento, reafirma a nossa confiança de que podemos transformar, crescentemente, nosso país, neste novo século.

A Amazônia será, cada vez mais, para todos os brasileiros, motivo de orgulho e um dos traços distintivos de nossa identidade como nação. O Sivam/Sipam, a partir desse momento, passa a fazer da nossa história.

Quero dar, portanto, meus parabéns a todos os que trabalharam para que chegássemos até aqui. Meus cumprimentos, especialmente, ao Ministro da Defesa e ao Comandante da Força Aérea e, por intermédio deles, a todo o corpo de oficiais da Aeronáutica, mas, também, os do Exército, que vi trabalhando aqui juntos, os da Marinha e os civis. A todos os técnicos, engenheiros e especialistas que, direta ou indiretamente, tenham estado engajados nesse projeto. E, de forma muito especial, aos empresários que se encarregaram das obras civis do Sivam. Ao Grupo Schahin. À enorme quantidade de empresas que trabalharam, porque só quem conhece a Amazônia sabe das dificuldades da construção nessa região úmida, nessa região chuvosa.

Tenho a satisfação de dizer que nenhum Presidente da República esteve mais vezes na Amazônia do que eu, já nem as conto mais, são mais de 20. Algumas rápidas. Algumas quase que apenas sobrevoando, descendo e partindo. Outras um pouco mais profundas, seja para ver de perto os esforços do nosso Exército no seu centro de treinamento e

dormir na selva, seja, talvez mais prazerosamente com meus netos, nas regiões lacustres da Amazônia, que são todas, nas regiões da selva inundada, para sentir a grandiosidade da região e para sentir a nossa responsabilidade pessoal de sermos, hoje, Presidente de um país que tenha obrigação de não apenas preservar, mas de ampliar a sua presença construtiva nessa região.

Portanto, deixo o meu reconhecimento àqueles que trabalharam nessas obras. Sei de perto as dificuldades do funcionamento da vida normal, em condições de selva e em condições, às vezes, climáticas, que não são as mais favoráveis.

Quero, também, deixar uma palavra de gratidão e apreço a todos os políticos e parlamentares, não só desta região, senão de todo o Brasil. Por isso, pedi realmente que o nosso Senador Ramez Tebet pudesse expressar o seu sentimento. E a Amazônia tem representantes no Congresso, que lutaram, também. Muitos.

Seria injusto se não citasse o esforço do Senador Bernardo Cabral. E seria também injusto se eu não dissesse, aqui, que reli, recentemente, os discursos do líder do Governo, Deputado Arthur Virgílio, a respeito do Sivam/Sipam. Em momentos que não eram propriamente os do aplauso generalizado, como hoje, mas que era o do ceticismo contagiante. E, nunca, esses homens da Amazônia deixaram de fazer-nos compreender a importância da continuidade do Projeto Sivam/Sipam.

Citei os dois. Citei o Presidente Tebet, que foi o Relator. Mas, certamente, estou omitindo os nomes de muitos outros que, nos momentos necessários, entenderam que era preciso esclarecer problemas, mas nunca perder de vista a importância de seguirmos trabalhando pela modernização desta região e pela sua continuidade, como parte do Brasil.

E, sendo parte do Brasil, por conseqüência, também, com a responsabilidade nossa, de brasileiros, no que diz respeito ao conjunto do planeta. Porque nós temos responsabilidade da preservação construtiva desta área, mormente num momento em que há tanta atenção à necessidade do desenvolvimento de formas sustentáveis de crescimento econômico.

Posso lhes dizer, meus amigos e amigas aqui presentes, que, para nós, brasileiros, hoje é, realmente, um dia de júbilo e de emoção. E quero

cumprimentar, realmente, a todos os que trabalharam nesse projeto com muito carinho. A palavra é carinho. Porque sei que muitos deles, para trabalharem nesse projeto, tiveram que agüentar muita crítica precipitada.

Um amigo me dizia, há pouco, que, com o tempo, a pele vira couro. Foi o Governador Amazonino Mendes quem me disse isso, há pouco. É verdade. Há uma expressão em português que diz: estamos curtidos. É verdade. Mas dói; eu sei que dói. Mesmo sendo couro, dói. Mas há alegria, depois, ao ver o trabalho realizado, ao ver que, com o tempo, a história reconhece. Tudo o que é pequeno desaparece e tudo o que é grande se amplia. Esta é uma obra grande e vai se ampliar.

Muito obrigado.